

APRESENTAÇÃO

O número 29 de *Línguas e Instrumentos Linguísticos* traz um conjunto de textos que tomam como objeto de reflexão a construção de saberes e de políticas de Estado sustentadas em saberes.

Eni Orlandi, em *Uma prática de ensino transversal*, analisa a obra de J. Peytard e E. Genouvrier *Linguistique et enseignement du français* (1970). A partir do que chama de *transversalidade*, a autora busca, “no processo de constituição do saber, relações nem diretas, nem lineares, nem exatas entre disciplinas, produzindo um atravessamento”. A leitura transversal permite observar o modo como, na relação entre língua e literatura enquanto objetos de conhecimento, Peytard e Genouvrier dialogam com as disciplinas Linguística e Literatura sem toma-las como campos prontos, e nesse gesto constroem a possibilidade de uma prática de formação e ensino que inscreve o professor de língua na produção do conhecimento, e não apenas na aplicação de modelos pré-estabelecidos e compreendidos como acabados.

Em *Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista*,

Verli Petri, ao refletir discursivamente sobre a especificidade dos dicionários regionalistas, traz uma questão importante para a História das Ideias Linguísticas: é possível desvincular o processo de dicionarização do processo de gramatização da língua? Questão que podemos desdobrar em outras, tais como: se assumirmos que um dicionário regionalista gramatiza, que língua é esta que ele gramatiza? Que relação se põe entre língua regional e língua oficial ou nacional neste instrumento? Que sentidos pode ter *descrever e instrumentar uma língua*, tal como preconiza o conceito de gramatização proposto por Sylvain Auroux em *A revolução tecnológica da gramatização* (1992)? Ou ainda, o que pode significar gramatizar para além de descrever e instrumentar? O artigo de Petri nos convoca, assim, a rediscutir o conceito de gramatização.

É também de dicionarização que trata o quarto artigo deste número, de Daniela Lauria: *El primer diccionario integral del español de la argentina: reflexiones acerca del alcance de “integral”*. Neste caso, o gesto de instrumentação busca dar conta do geral da língua de um país. No entanto, a história de colonização da Argentina faz com que sua língua

oficial seja atravessada pelo sentido de regional em relação à metrópole. Situando-se na perspectiva da análise glotopolítica, e dialogando com a História das Ideias Linguísticas, a autora questiona o termo “integral” no título do dicionário. Colocando em relação as questões postas por Petri e Lauria, podemos perguntar discursivamente sobre a contradição entre o integral e o regional da descrição das línguas, relativamente ao efeito de completude produzido nesta relação, se tomada empiricamente como relação parte-todo.

A política da diversidade na sala de aula, de Ana Cláudia Fernandes Ferreira e Débora Massmann, interroga a relação entre diversidade e unidade, completude e parcialidade por outra via – a da legislação sobre o ensino no que diz respeito às políticas de inclusão de sujeitos com deficiências. Tomando como corpus a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961 e outros textos jurídicos, como a Constituição Federal de 1988, a LDB de 1996, e o Decreto de 2011 que institui o Plano Nacional da Pessoa com Deficiência, as autoras realizam um percurso enunciativo pelos modos de designar o sujeito tomado como “diferente”, dando visibilidade à heterogeneidade na nomeação deste sujeito e refletindo sobre o modo como os nomes se inscrevem no desenvolvimento das políticas educativas ao longo do tempo.

Em *A língua brasileira em sua memória discursiva poética: espaço de desdobramentos*, Ligia Caldonazo Cardoso toma como objeto de estudo a língua brasileira em versos de José Anchieta e de Tomás Antônio Gonzaga, analisando o processo discursivo dos versos a partir da leitura de anagramas. **A identidade da língua é interrogada a partir da relação entre literatura e história. Nas palavras da autora, a análise abre a interpretação “para além da estrutura da língua e do conhecimento linguístico estável, redesenhando outra forma de perceber o discurso, cujas malhas, na poética, não se dá somente na representação do que é versificado, mas na própria poesia de que toda a língua é capaz”.**

Gileade Godoi, em *Atuação inquisitorial no Brasil: contribuição nos processos de identificação de um sujeito brasileiro*, aborda outro aspecto do Brasil colonial – a presença da Igreja Católica e do Tribunal da Santa Inquisição. Tomando como corpus o Livro das Confissões e Denúncias da última visita feita pelo Santo Ofício ao estado do Grão-Pará e Maranhão, 59 anos antes da Independência do país, a autora reflete sobre o modo como as visitas do Santo Ofício ao Brasil-Colônia, com suas prescrições e proscições, mobilizaram os processos de identificação de um sujeito brasileiro; e, nesse jogo, como memórias intercontinentais constituíram parte desse sujeito.

Em *Estudo do campo de conhecimento fonoaudiológico e a clarificação do seu objeto científico*, Renata Chrystina Bianchi de Barros examina a

clínica fonoaudiológica enquanto prática que tem sido exercida sem a definição de seu objeto científico. Perscrutando os descritores utilizados para indexação de trabalhos científicos da área, a autora aponta sentidos latentes a serem mobilizados na discussão dos conhecimentos que sustentam a prática clínica, de modo que este campo possa compreender seu percurso histórico e as posições teóricas que têm fundamentado sua práxis.

A Seção *Crônicas e Controvérsias* deste número traz uma reflexão sobre as relações entre o semioticista americano Charles Sanders Peirce e o psicanalista francês Jacques Lacan. Em *Peirce e Lacan: as sobras deixadas pelo simbólico*, Mírian dos Santos sustenta que o que une diferentes conceitos dos dois autores é a incompletude – do ser humano ou da linguagem, do simbólico e das pulsões.

A resenha deste número, feita por Danilo Ricardo de Oliveira, é de *Matematização da linguística e natureza da linguagem*, do filósofo e historiador das ideias linguísticas Sylvain Auroux. Nesta obra, publicada no Brasil pela Hucitec, Auroux analisa a relação entre as ciências da linguagem e a matemática, abordando as aproximações e os distanciamentos entre lógicos, linguistas e matemáticos e apresentando os impasses da constituição de uma linguística matemática. Este movimento importante na história das ideias linguísticas é pensado nas relações que o constituíram, nas contradições que se estabeleceram e nas consequências para as ciências envolvidas, em particular para a Linguística, em relação à qual uma questão crucial é relançada: o objeto da Linguística é matematizável?

Nos textos do número 29 de *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, podemos identificar dois eixos temáticos: a construção de campos de conhecimento que tomam direta ou indiretamente a linguagem como objeto de conhecimento; e as políticas de Estado, também divididas em dois grupos: aquelas que, como a gramatização, incidem diretamente sobre as línguas, ou as que trabalham mais diretamente sobre a identidade dos sujeitos que falam as línguas de Estado. O conjunto dos textos nos permite pensar na relação entre língua, linguagem e subjetividade a partir do modo como o conhecimento e as políticas que dele se servem mobilizam esta relação produzindo sentidos e constituindo práticas sociais.

Os Editores